

Justino Romano: *Cristãos Antes de Cristo*

Autor: Sávio Laet de Barros Campos.
Bacharel-Licenciado em Filosofia Pela
Universidade Federal de Mato Grosso.

1.1) *Itinerário Espiritual de Justino: A Filosofia e as Escolas Filosóficas*

Para Justino a *filosofia* tem um *fim*, qual seja, o de nos *conduzir* a Deus e a Ele nos *unir*.¹ Por conseguinte, os que sobre ela *debruçaram* as suas *inteligências*, foram *santos*.² Contudo, importa *observar*, que este *fim* *nobre* e *supremo* da *filosofia*, nem sempre fora *reconhecido* pelas *escolas*. Com efeito, nem *platônicos*, nem *pitagóricos*, nem os *estóicos*, *conseguem* nos *dizer* a mesma coisa a *respeito* do que seja a *filosofia* e de qual seja o *fim*. Aliás, a própria *existência* das *diversas escolas filosóficas*, *assinala* a *incoerência* destas, já que a *filosofia* é uma *única ciência*, que possui também um *único fim*:

No entanto, o que seja a filosofia e o motivo pelo qual ela foi enviada aos homens muitos o ignoram, pois do contrário não existiriam platônicos, nem estóicos, nem pitagóricos, sendo ela uma única ciência.³

¹ Justino. **Díálogo com Trifão**. 2, 1: “De fato, a filosofia é o maior e o mais precioso bem diante de Deus, para o qual somente ela nos conduz e nos associa.”

² Idem. *Ibidem*: “Na verdade, santos são aqueles que consagram à filosofia a própria inteligência.”

³ Idem. *Ibidem*.

De fato, Justino *falava* por *experiência própria*. Sem embargo, ele havia se *colocado* sob a *orientação* de um *estóico* por *bastante tempo*, mas este não o *encaminhou* para Deus.⁴ Depois, *admirado* pela *sabedoria* de um *peripatético*, dele se tornou *discípulo*. Porém, este da mesma forma não *conseguiu dar-lhe* o que *buscava*, vindo a *cobrar-lhe*, inclusive, *honorários*, pelo que também dele Justino se *afastou*.⁵ Procurou ainda um *pitagórico*, que lhe *afigurava* ser um homem mui *bem conceituado*. No entanto, quando lhe *manifestou* o *desejo* de ser seu *discípulo*, tal homem *exigiu-lhe* *erudição* em tantas *ciências do mundo sensível* (*música, astronomia e geometria*), que Justino, *pensando no tempo que demoraria* para se *versar* em tais *ciências*, *deixou-o* sem *pesar*: “(...) considerando o tempo que eu deveria gastar naquelas disciplinas, não sofri em deixá-lo por causa de tão grande prazo.”⁶

1.1.1) O Contato com o Platonismo: Entusiasmo e Desencanto

Por fim Justino foi *conversar* com os *platônicos*. Destarte, ao *encontrar-se* com um *mestre notável* desta *escola*, chegou a *pensar* que havia *descoberto* a *verdadeira filosofia*; *exaltava-se* com a *espiritualidade* da *filosofia platônica* e a *contemplanção* do *mundo das idéias*, *fascinava-lhe* cada vez mais. Parecia que, finalmente, havia se *tornado* um *sábio* e *encontrado* a *verdadeira sabedoria*; *esperava*, enfim, *contemplar* o próprio Deus. Justino nos *deixou* um *testemunho* – talvez o *primeiro* e mais *significativo* – do *itinerário correlato* entre *platonismo* e *cristianismo*: *contemplar* a Deus – dizia o nosso *filósofo* – é a meta da *filosofia* de Platão. A respeito deste *encontro* com o *platonismo*, *ouçamos* como o próprio Justino no-lo *descreve*:

⁴ Idem. Ibidem. 2, 3: “Eu mesmo, no início, desejando também reunir-me com algum deles, coloquei-me nas mãos de um estóico e passei bastante tempo com ele.”

⁵ Idem. Ibidem: “Então separei-me dele e dirigi-me a outro, um peripatético, que acreditava ser homem perspicaz. Este me suportou bem nos primeiros dias, mas logo deu-me a entender que deveríamos fixar honorários (...)”.

⁶ Idem. Ibidem. 2, 5.

Eu me exaltava principalmente com a consideração do incorpóreo. A contemplação das idéias dava asas à minha inteligência. Eu imaginava ter-me tornado sábio num átimo, e minha estupidez fazia-me esperar que, de um momento para o outro, contemplaria o próprio Deus. *Com efeito, esta é a meta da filosofia de Platão.*⁷

1.1.1.1) Do Platonismo ao Cristianismo

1.1.1.1.1) O Encontro com o Ancião

Agora bem, com a *filosofia platônica* o seu *ânimo* era tanto, que *resolveu se isolar para contemplar*, longe dos homens, o *caminho* que a Deus a esta *filosofia parecia-lhe* haver aberto. Desta feita, num *momento de solidão*, encontrou um *velho ancião* que lhe *perguntara* qual fosse o seu *conceito* de *filosofia*, e Justino lhe *respondeu* ser a *filosofia a ciência do ser e do conhecimento da verdade*.⁸ Ademais, o *velho ancião* também o *questionou* a *respeito* de Deus, pelo que Justino lhe *respondeu* que *Deus é* aquele que *é sempre o mesmo, invariável e causa de todos os seres*.⁹

Mas – *continuara* a lhe *argüir* o *ancião* – como podem os *filósofos* conseguir alcançar algo de *verdadeiro* sobre Deus, se não o *viram* e nem o *ouviram*?¹⁰ Justino, a esta terceira pergunta, *responde* ter Platão dito *existir* em nós, um *olho espiritual* pelo qual vemos a Deus, até porque – *continua* Justino –

⁷ Idem. Ibidem. 2, 6. (O itálico é nosso).

⁸ Idem. Ibidem. 3, 4: “Filosofia é a ciência do ser e do conhecimento da verdade (...)”.

⁹ Idem. Ibidem. 3, 5: “Deus é aquele que é sempre encontrado do mesmo modo. Ele é invariável e também a causa do ser de todos os outros seres.”

¹⁰ Idem. Ibidem. 3, 7: “Então como os filósofos entendem ou falam corretamente sobre Deus se não têm ciência dele, pois não o viram, nem jamais o ouviram?”

existe certo parentesco entre a *alma* e Deus. Acrescenta ainda, que para aquele que quer *conhecer* a Deus, *é mister se purificar e levar uma vida virtuosa*.¹¹

1.1.1.1.1) As Limitações do Platonismo e a Perfeição do Cristianismo

Ora bem, aqui *ocorre* uma *reviravolta* no *diálogo*, quero dizer, de *simples ouvinte* o *velho* de *aparência branda*, *começa* a *impugnar* certas *teses* de Justino e do *platonismo*. Desta sorte, diz o *ancião* que *não existe verdadeiro parentesco* entre a *alma humana* e Deus; *demonstra*, além disso, a *inconsistência* da *doutrina* da *transmigração* das *almas* (*metempsicose*); *prova*, ademais, que a *imortalidade* da *alma do homem* não é da mesma *natureza* da de Deus, pois Deus *é incriado* e a *alma é criada* por Deus.¹² Destarte, Justino se *vê persuadido* por seu *interlocutor*, e *questiona-lhe* onde então se deve *buscar a verdade* e a quem se deve *tomar por mestre*:

Então, a quem vamos tomar como mestre ou de quem poderemos tirar algum proveito, se nem mesmo neste se encontra a verdade?¹³

Depois de toda uma *dialética* que *consistiu* em *desarticular* o *discurso* do *platonismo*, o *velho* *indica-lhe* o que *parece* ser o *único caminho* que *conduz* à

¹¹ Idem. Ibidem. 3, 8: “Platão, de fato, afirma que assim é o olho da inteligência, e que ela nos foi dada exatamente para contemplar com ele, por ser olho puro e simples, aquele mesmo que é causa de tudo o que é inteligível (...) que é o próprio ser, indizível e inexplicável, além de toda a essência, o único belo e bom que aparece imediatamente nas almas de excelente natureza, por aquilo que tem de semelhante a ele e por seu desejo de contemplá-lo.”

¹² Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 27: “O ancião impugna a existência de um parentesco entre Deus e a alma humana; tampouco é verdade que esta seja algo de divino, ou uma parte do espírito divino. Demonstra a incoerência da doutrina da metempsicose e prova que a alma, não menos que o mundo e o corpo, têm um início de sua existência, e portanto sua imortalidade não é igual à de Deus.”

¹³ Justino. **Diálogo com Trifão**. 7, 1.

*verdade: antes que existissem todos estes filósofos – dizia-lhe o ancião – homens inspirados pelo espírito divino e amigos de Deus, predisseram um futuro que hoje se realiza, nós os chamamos profetas.*¹⁴ De resto, estes homens foram *testemunhas fidedignas* do que *anunciaram*, pelo que os seus *discursos dispensam demonstrações e argumentos.*¹⁵ De sorte, que o *escreveram*, *permanece até hoje*, e aqueles que os *lêem* e a eles *aderem*, *adquirem mais sabedoria a respeito das questões que um filósofo deve saber*, do que nos *ensinamentos dos próprios filósofos.*¹⁶ Porquanto, os *milagres* que os *profetas fizeram*, bem como o *cumprimento integral* daquilo que *disseram*, *obrigam-nos a assentir* as suas *palavras*.

Agora bem, uma das *coisas* que *anunciaram*, é a Jesus Cristo que *procede* do Pai.¹⁷ De modo que, *compreender*, pois, estas *coisas cabe* tão somente àquele a quem Deus e Jesus Cristo *conceder*. A Justino, por fim, o *ancião recomenda a súplica*, para que a ele também seja *conferida a luz necessária*, a fim de que *compreenda* tão *grandes mistérios*:

Quanto a ti, antes de tudo, roga que as portas da luz te sejam abertas, pois estas coisas nem todos as podem ver e

¹⁴ Idem. Ibidem: “Há muito tempo, existiam alguns homens mais antigos que todos estes considerados filósofos, homens bem-aventurados, justos e amigos de Deus, que falaram inspirados pelo espírito divino e, divinamente inspirados, predisseram o futuro que está se cumprindo exatamente agora. São os chamados profetas.”

¹⁵ Idem. Ibidem 7, 2: “Com efeito, eles nunca fizeram seus discursos com demonstração, pois eles são testemunhas fidedignas da verdade, acima de toda demonstração.”

¹⁶ Idem. Ibidem: “Seus escritos se conservam ainda hoje, e quem os lê e neles acredita pode tirar o maior proveito nas questões a respeito do princípio e fim das coisas e sobre aquelas coisas que o filósofo deve saber.”

¹⁷ Idem. Ibidem: “Além disso, os acontecimentos passados e os atuais obrigam-nos a aderir às suas palavras. É justo crer neles também pelos milagres que faziam, pois mediante eles glorificavam a Deus criador e pai do universo, e anunciavam a Cristo, seu filho, que dele procede.”

compreender, a não ser aqueles a quem Deus e seu Cristo concedem o dom de compreender.¹⁸

1.1.1.1.1.1) *A Conversão de Justino e o Novo Conceito de Filosofia*

De forma que aqui *chegamos* a uma *linha divisória* no *diálogo* e na própria *história da filosofia*. De fato, após estas *recomendações*, o *ancião* parte e Justino não *o vê* mais. Neste *ínterim*, Justino é *tomado* por um *ardente amor* pelos *profetas e amigos* de Cristo. Reflete ainda uma vez nas *palavras* que *ouviu* e *descobre* assim, que *finalmente* houvera *descoberto* a *verdadeira filosofia*, e tinha-se *tornado*, enfim, um *filósofo*. Deseja, além do mais, que todos *façam* a mesma *experiência*:

Refletindo comigo mesmo sobre os raciocínios do ancião, cheguei à conclusão de que somente essa é a filosofia segura e proveitosa. Desse modo, portanto, e por esses motivos, sou filósofo, e desejaria que todos os homens, com o mesmo empenho que eu, seguissem a doutrina do salvador.¹⁹

De fato, acentua Gilson, que este *trecho* do *Diálogo com Trifão*, é de uma *importância singular* para a mesma *história da filosofia*, porque nele podemos *ver* a *descoberto*, que a *religião cristã*, desde as suas *origens*, sempre *reivindicou* para si, o *título* de *verdadeira filosofia*. Isto *significa*, antes de tudo, que os *problemas* que os *filósofos levantaram* – dentro da *ótica cristã* – eles mesmos não foram *capazes de resolver adequadamente*. Na verdade, a *religião cristã*, *fundada* na *fé* de uma *revelação divina*, *conseguia sanar* – de forma mais *satisfatória* – os *problemas levantados* pela própria *filosofia*. Daí que o *cristão*, pelo simples fato de *sê-lo*, é *filósofo*:

¹⁸ Idem. Ibidem.

¹⁹ Idem. Ibidem 8, 1 e 2.

Esse texto do *Diálogo com Trifon* é de uma importância capital, por nos mostrar, num caso concreto e historicamente observável, como a religião cristã pôde assimilar imediatamente um domínio reivindicado até então pelos filósofos. É que o cristianismo oferecia uma nova solução para problemas que os próprios filósofos tinham levantado. *Uma religião baseada na fé numa revelação divina mostrava-se capaz de resolver os problemas filosóficos melhor que a própria filosofia*; seus discípulos tinham, portanto, o direito de reivindicar o título de filósofos e, como se tratava da religião cristã, *de declarar-se filósofos pelo simples fato de serem cristãos.*²⁰

Philotheus Boehner, *salienta* um outro momento de importância capital no texto. Parece que o objetivo da filosofia, bem como os problemas por ela ventilados, para Justino, nada mais são do que idênticos ao objetivo e ao fim da própria religião cristã. Ocorre, entretanto, que o caráter religioso das questões levantadas pela filosofia grega, era-lhes inacessível e isto por se tratar de coisas que ultrapassam a razão humana. De maneira que tudo se converge para esta questão, a saber, ou a filosofia tem um objeto que lhe seja acessível, e por isso não lhe caiba indagar sobre questões de natureza religiosa; ou simplesmente o seu fim é religioso, e neste caso chegará o momento em que terá que “passar o bastão” para a religião cristã, na qual se encontrará, por assim dizer, o fim da própria filosofia. Agora bem, Philotheus estima que seja neste último sentido, que Justino entende a filosofia, e assim se justificaria então, a sua estranha afirmação de que havia se tornado filósofo ao se fazer cristão:

Justino está ciente de que os problemas ventilados pela sabedoria grega são idênticos àqueles que são levantados e solucionados pelo cristianismo (...) *Sabe igualmente que ao aspirar a um objetivo religioso, a filosofia sincretista dos gregos criou para si um problema insolúvel, posto que superior*

²⁰ Etienne Gilson. **A Filosofia na Idade Média**. p. 4 e 5. (Os itálicos são nossos).

às forças da razão humana. Com efeito, ou a filosofia visa a um objetivo que lhe é proporcionado e acessível, o qual por isso mesmo não poderá ser de natureza religiosa, *ou o seu objetivo é de caráter propriamente religioso, e nesse caso será necessário transcender a filosofia meramente natural e adotar a religião cristã, à qual se há de reservar, por conseguinte, o nome de filosofia. E é este, precisamente, o sentido que Justino empresta à filosofia.* Assim se justifica a conclusão aparentemente contraditória, ou melhor, a conclusão dialética (...) de que a conversão o transformou num verdadeiro filósofo.²¹

Não obstante, esta *solução* – que parece *reduzir a verdadeira filosofia ao cristianismo* – apresenta *difícilimas dificuldades*. Que pensar, pois, dos filósofos que viveram antes de Cristo? Devemos *condená-los* por haver *ignorado a revelação*?

1.2) O Humanismo Cristão de Justino

Deveras, a *solução* que Justino *julga exequível* para este *problema*, se encontra na *doutrina* que ele mesmo *cunha*, segundo a qual os seus *mestres gregos*, ou seja, aqueles que o haviam *levado ao limiar do cristianismo*, *tiveram*, por sua vez, uma *participação* no Verbo. Doravante, com o *esboço* de tal *doutrina*, Justino *tornava-se realmente o fundador do humanismo cristão*:

No intuito de assegurar-lhes (aos mestres gregos) um lugar no seio do cristianismo, Justino elabora a sua doutrina da participação dos gregos no Verbo, ou Cristo, tornando-se assim o fundador do humanismo cristão.²²

²¹ Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 28. (O itálico é nosso).

²² Idem. Ibidem. p. 29.

Donde, para Justino, houve portanto uma *revelação universal* do Verbo, que *antecedeu* à própria Encarnação.²³

1.2.1) A Doutrina do Verbo (Logos): O Verbo Total e Parcial

Agora bem, para *aplicar* esta doutrina, Justino usa *duas expressões*: *Verbo total* e *Verbo parcial*. De fato, os *crístãos participam* do *Verbo total* que é Cristo. Já os *pagãos*, por seu lado, bem como *todos os homens*, *tiveram* apenas uma *participação parcial* no Verbo.²⁴ Ora, Justino *designa* tal *participação*, por uma *expressão de origem estóica*: “semente do Verbo”.²⁵ A *participação parcial* no *Verbo* dos *filósofos*, se *encaminha*, por seu *turno* – tal como a *semente* ao *fruto maduro* – ao *Logos total* dos *crístãos*: “Como a semente está para o fruto maduro, assim o Logos dado aos pagãos está para o Logos integral manifestado em Cristo.”²⁶

1.2..1.1) Como os Pagãos Participam do Verbo

Ora bem, os *pagãos* têm esta *participação* no *Verbo* de *duas maneiras*: *imediate* e *mediata*. Justino não *esclarece*, em seus *pormenores*, o que seja essa *iluminação imediata*. Com efeito, pelo que se pode *deduzir* dos seus *textos*, tal *iluminação consistiria*, seja no *reto uso* da *razão*, seja ainda numa *iluminação*

²³ Etienne Gilson. **A Filosofia na Idade Média**. p. 5 “ Há, pois, uma revelação universal do Verbo divino, anterior à que se produziu quando o mesmo Verbo se fez carne.”

²⁴ Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 29: “Justino admite, sem hesitar, que os antigos filósofos que conheceram e praticaram a verdade, tais como Platão e os estóicos, tiveram parte no Logos; contudo, eles não O possuíram integralmente. O Logos total aparece em Cristo, ao passo que aqueles filósofos possuíram-no apenas germinamente ou em parte.”

²⁵ Idem. *Ibidem*. p. 30: “Para designar este Logos parcial, comunicado aos filósofos, Justino serve-se de uma expressão dos estóicos: trata-se de um ‘germe’ ou de uma semente do Logos. Este germe ou semente do Logos está presente em todos os homens.”

²⁶ Idem. *Ibidem*.

propriamente dita.²⁷ Já na *Primeira Apologia*, Justino diz que a *participação mediata*, seria aquela pela qual Platão, por exemplo, teria *recolhido* das *doutrinas mosaicas*, o que disse a *respeito* de Deus e da *criação*.²⁸ Justino *atribui* então à *influência* de Moisés, ao que – *supunha* ele – ter dito Platão no *Timeu*, sobre o Filho de Deus: “O que Platão, explicando a criação, diz no *Timeu* sobre o Filho de Deus: ‘Deu-lhe a forma de X do universo’, *ele o tomou de Moisés*.”²⁹

De fato, *filósofos e legisladores*, pela parte do *Verbo* que lhes *coube*, *descobriram* certo *número* de *verdades*, através da *investigação* e da *intuição*. Portanto, toda a *verdade* que eles *disseram*, se deve à *participação* no *Verbo* que *tiveram*. Contudo, não foi o *Verbo inteiro* que eles *conheceram*, o qual é Cristo, *prova* disto é que muitos dentre eles se *contradisseram* sobre as mesmas *questões*:

Com efeito, tudo o que os filósofos e legisladores disseram e encontraram de bom, foi elaborado por eles pela investigação e intuição, conforme a parte do Verbo que lhes coube. Todavia, como eles não conheceram o Verbo inteiro, que é Cristo, eles frequentemente se contradisseram uns aos outros.³⁰

Sócrates, Platão, *estóicos, legisladores e poetas*, não podem ser *comparados* a Cristo, pois o que de *verdade* eles *disseram*, foi pela “virtude seminal” do *Verbo* que *receberam*.³¹ Agora bem, *dado* que o *Verbo inteiro* se

²⁷ Idem. Ibidem: “Justino não nos esclarece sobre o que entende por participação imediata. Poder-se-ia tomá-la, talvez, no sentido de um uso acertado da razão natural; talvez pensasse também numa espécie de iluminação, embora não o declare expressamente.”

²⁸ Justino. **I Apologia**. 59, 1: “De nossos mestres também, isto é, do Verbo que falou pelos profetas, Platão tomou o que disse sobre Deus ter criado o mundo, transformando uma matéria informe.”

²⁹ Idem. Ibidem. 60, 1.

³⁰ Justino. **II Apologia**. 10,2.

³¹ Justino. Ibidem. 13, 3: “De fato, cada um falou bem, vendo o que tinha afinidade com ele, pela parte que lhe coube no Verbo seminal divino.”

manifestou somente aos *cristãos*, é a eles que *pertence* tudo o que de *certo* e *salutar disseram*, aqueles que *conheceram* somente as “sementes do Verbo”.³² Nosso filósofo, frisa Philotheus, é o que pela *primeira vez reivindica* ao *cristianismo*, o *patrimônio espiritual* da *cultura antiga*: “Em Justino, o cristianismo reivindica para si, pela vez primeira, o direito de herança à cultura antiga (...)”³³.

1.2.1.1.1) *Cristãos Perseguidos*

Assim como *participam* da mesma *sabedoria*, uns *parcial* outros *totalmente*, também *compartilham* os mesmos *sofrimentos*. Por conseguinte, é mister *compreender* que foram os *demônios*, *inimigos do Verbo*, que *insuflaram* os *homens contra* aqueles que, de algum modo, ao *conhecer em parte o Verbo*, *viveram conforme Ele*.³⁴ Destarte, se os *demônios perseguiram* mesmo àqueles que tiveram apenas um *acordo parcial* com o *Verbo*, não se deve *admirar*, pois, que *queiram* os mesmos *demônios*, *causar males ainda maiores*, aos que se *associaram ao Verbo total*, isto é, a Cristo.³⁵

Não somente isto. Desta feita, ainda segundo o nosso *apologista*, os *demônios* teriam *criado e inspirado a mitologia grega*, a fim de *desviar as mentes dos homens*, da *verdade* que estava sendo *anunciada pelos profetas*.

³² Idem. Ibidem. 13, 4: “Portanto, tudo o que de bom foi dito por eles, pertence a nós, cristãos, porque nós adoramos e amamos, depois de Deus, o Verbo, que procede do mesmo Deus ingênito e inefável.”

³³ Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 31.

³⁴ Justino. **II Apologia**. 8, 2: “Com efeito, como já notamos, os demônios sempre se empenharam em tornar odiosos aqueles que, de algum modo, quiseram viver conforme o Verbo e fugir da maldade.”

³⁵ Idem. Ibidem. 8, 3: “Portanto, não é de se admirar se eles, desmascarados, procuram também tornar odiosos, e com mais empenho ainda, àqueles que não vivem apenas de acordo com uma parte do Verbo seminal, mas conforme o conhecimento e contemplação do Verbo total, que é Cristo.”

Segundo São Justino, os *demônios* queriam *fazer os homens crerem*, que tanto quanto a *mitologia*, as *profecias* também eram *fábulas estapafúrdias*:

Ao contrário, os que ensinam os mitos inventados pelos poetas não podem oferecer nenhuma prova aos jovens que os aprendem de cor. E nós demonstramos que foram ditos por obra dos demônios perversos, para enganar e extraviar o gênero humano. Com efeito, ouvindo os profetas anunciarem que Cristo viria e que os homens ímpios seriam castigados através do fogo, colocaram na frente muitos que se disseram filhos de Zeus, *crendo que assim conseguiriam que os homens considerassem as coisas a respeito de Cristo como um conto de fada, semelhante ao contados pelos poetas.*³⁶

1.3) *Cristãos Antes de Cristo*

Podemos *concluir*, dentro desta *perspectiva*, que aqueles que *viveram segundo o Verbo* – mesmo antes da *Encarnação* – foram *cristãos*; e ao rol destes estão Sócrates, Heráclito, e outros.³⁷ Da mesma forma, os que *antes* de Cristo *viveram dissolutamente*, são *ímpios* e *inimigos* de Cristo e dos *cristãos*.³⁸ Vemos, pois, assim *começar* em Justino, uma *verdadeira chave* de *interpretação* para a *história*, vale dizer, uma *teologia da história*. Nela fica *atestada*, a *existência* de uma *comunidade cristã* ao longo de toda a *história* da *humanidade*, já no *seio* daqueles que tiveram apenas uma *participação parcial* no *Verbo*, já na *sociedade* daqueles que *conheceram* e *aderiram* ao *Verbo Encarnado*:

³⁶ Justino. **I Apologia**. 54, 1 e 2. (O itálico é nosso).

³⁷ Idem. *Ibidem*. 46, 3: “Portanto, aqueles que viveram conforme o Verbo são cristãos, (...) como sucedeu entre os gregos com Sócrates, Heráclito e outros semelhantes (...).”

³⁸ Idem. *Ibidem*. 46, 4: “De modo que também os que antes viveram sem razão, se tornaram inúteis e inimigos de Cristo e assassinos daqueles que vivem com razão (...).”

A comunidade cristã, formada pela participação, quer parcial, quer total, no mesmo Logos, existiu pois em todo o curso da história. Destarte a história da filosofia vai ter, muito naturalmente, na história do cristianismo. E assim vemos imergir, desde Justino, os primeiros lineamentos, débeis ainda, mas já bem perceptíveis, de uma *filosofia da história* (...).³⁹

³⁹ Philotheus Boehner. **História da Filosofia Cristã**. p. 30 e 31. (O itálico é nosso).

BIBLIOGRAFIA

GILSON, Etienne. **A Filosofia Na Idade Média.** Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: MARTINS FONTES, 1995. p. 2 a 8.

JUSTINO. **I e II Apologia/ Diálogo com Trifão.** Trad. Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. 2º ed. Rev. Honório Dalbosco. São Paulo: PAULUS, 1995.

PHILOTHEUS BOEHNER, Etienne Gilson. **História da Filosofia Cristã, Desde as Origens até Nicolau de Cusa.** 7ªed. Trad. Raimundo Vier. Rio de Janeiro: VOZES, 2000. p. 25 a 32.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.